

## DE ALCOVITEIRA A PROFISSIONAL DE FOFOCA

Sonia Gonçalves Batista (UEMS)

[soniabatista0806@gmail.com](mailto:soniabatista0806@gmail.com)

Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

### RESUMO

Este artigo traz uma discussão sobre a mudança de valor da fofoca, do ato de fofocar. O que antes era visto como conversa de comadres, hoje, passou a ser negócio. Há os que querem fofocar e há os que desejam ser fofocados, desejos estes que são explicados quando observamos a profissão de cada um dos envolvidos. Fofocados são geralmente artistas, políticos e socialites e os fofoqueiros são em geral programas e sites de fofocas, ambos lucram muito dinheiro com as fofocas diárias que por sua vez encontram fofoqueiros de plantão, que hoje, chamamos de leitores, telespectadores e internautas, sempre prontos, ansiosos para a mais nova “notícia” sobre seu fofocado preferido.

**Palavras-chave:** Fofoca. Fuxico. Fofocar. Fofoqueiro.

### 1. Introdução

Houve um tempo em que falar da vida alheia era coisa de quem não tinha o que fazer. A função de fofoqueira era de uma figura específica: uma senhora de meia idade ou idosa que enquanto ou após os afazeres domésticos cuidava fervorosamente da vida de quem era, na visão ideológica dela, mulher sem marido, viúva assanhada, homem preguiçoso, criança com má educação, e outras coisas que faziam com que a língua da fofoqueira coçasse.

Imagine a vítima do fofoqueiro dentro de uma casa cheia de câmeras, sendo instruída a exhibir seu corpo de tal forma que todas as curvas ou não curvas sejam alvo de elogios e críticas. Usando como inspiração a teoria de Foucault sobre o pan-óptico, os *realitys shows* são moda e é dentre outras possibilidades, um exemplo de campo minado para o fofoqueiro.

O pan-óptico (...) tem seu princípio não tanto numa pessoa como numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos, produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos (...) Pouco importa, consequentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados (...) Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro

o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. (FOUCAULT, 1997, p. 167)

A partir da ideia de observação do preso em um sistema carcerário feito no modelo pan-óptico temos, então, não só o reality show, mas toda a mídia sobre aquele que de alguma maneira entrou para o mundo das celebridades, ou até de forma mais negativa, está na mídia porque cometeu um crime ou fez algo totalmente fora do que a ideologia dominante espera.

Dessa forma podemos considerar que a mídia entra no papel da alcoviteira, fato este que nos faz observar que a evolução diacrônica é inegável e impossível de não observar o quão é dinâmica a modificação da fala. Saussure, em sua teoria dicotômica destaca que há a dicotomia língua e fala onde a fala é individual e corresponde a maneira de falar de cada indivíduo, sendo ela social. Isso faz com que a fala seja o objeto de estudos da análise do discurso.

Saussure coloca que na dicotomia língua/fala há um sistema de valores onde a fala é envolvida e que isso se dá na combinação de sons e ideias trazidas em cada signo que é composto por um significado e um significante.

Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças (SAUSSURE, 1995, p. 139-140).

São os valores presentes na fala, onde o significado é dito de diversas maneiras e de diferentes formas que pretendemos aqui analisar. Queremos observar o valor histórico trazido pelo significado de alcoviteira e como esse processo chegou aos dias atuais como algo que antes era uma atitude negativa para uma atitude positiva, a tal ponto de fazer com que alguém crie um site somente para cuidar da vida dos outros, promovendo essas pessoas e de forma recíproca construir um processo rentável.

## **2. Revisão da literatura**

Este artigo foi idealizado a partir de experiências próprias vividas no cotidiano familiar, no trabalho, escola e entre amigos. Essa experiência trouxe a reflexão sobre o tema observando-o com maiores detalhes.

Dessa forma, vislumbramos a vasta literatura disponível sobre esse tema tão aguçaste. Tema este tratado por José Ângelo Galarsa, em seu livro *Tratado Geral sobre a Fofoca* (1978), coloca que não é fofocado somente aquele que fala de si mesmo, pois quando houver uma fofoca não irá se importar muito e que todos nós em um dado momento sempre estamos envolvidos em uma fofoca, seja como fofoqueiro ou fofocado.

Galarsa ainda parte do princípio de que quem fofoca, a bem da verdade, está querendo criticar o outro sobre atitudes que gostaria de realizar, mas que por estar preso em ideologias não o faz e fala mal de quem acaba saindo da ideologia dominante, libertando-se, assim, de convenções. O fofoqueiro, então, acaba por ser um frustrado, que encontrou no outro justamente o que gostaria de realizar.

Meg Cabot, também escreveu sobre o tema em três livros até então publicados, que tem como narrador-personagem a Lizzie Nichols, cujo comportamento é de uma fofoqueira, por isso é chamada de Rainha da fofoca. No entanto, a trilogia trata das aventuras no cotidiano da própria vida da personagem. O que mais chamou a atenção para este artigo foi a obra: *A coluna social como gênero de fofoca*.

*A Coluna Social como Gênero de Fofoca* (2011) pela editora CRV, de Paula Francinetti da Silva, é um livro fruto de uma tese de doutorado sobre as colunas sociais editadas pelo jornal *O Globo* entre os anos de 1987 e 1989. A análise foi feita a partir de uma amostra composta pelos jornais publicados de janeiro de 1987 a outubro de 1988, totalizando 1654 notas. O resultado da análise, segundo a autora levou ao primeiro capítulo: "A coluna social como gênero de fofoca", em que foi enfocada o conceito de fofoca e sua relação com o texto da coluna social. No segundo capítulo, "A coluna social como repertório de memória" e no terceiro capítulo, "O Riso na Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988)", a partir das notas da coluna sobre o transcorrer do trabalho legislativo.

*Verdade sob Suspeita, um Ensaio sobre a Fofoca* (2007) por Roberto Curi Hallal, é mais um exemplo de literatura sobre o tema. Ele escreve que: "O fofoqueiro vive tirando o pino da granada e jogando gasolina no fogo. Vive culpando os outros e com isso, mostra ser alguém que não chegou ao estágio do respeito, capaz de ser responsável pelas próprias ações." (HALLAL, 2007, p. 35)

Como pudemos observar fofoca é um tema bastante pesquisado e discutido, talvez porque incomoda e/ou causa curiosidade saber da vida

alheia, o que nos dias atuais passou a ser um trabalho, faz com que a reflexão sobre o tema passe a ser mais positiva se olharmos por um ângulo onde todos ganham, ainda assim há de se considerar que uma análise sobre o público-alvo torna-se importante, sabendo que o feedback do público é o que faz manter ou renovar a ideologia carregada sobre o significado da ação fuxicar.

### **3. Resultados e discussão**

O ato de fofocar pode ser usado, muitas vezes, como desarticulador de poder. No *rap* de Projota e Karol Conka, por exemplo, sob o título “Não falem”, podemos perceber, no eu-lírico, a insatisfação em ser alvo de fofocas, fato este que nos remete ao próprio cantor em optar, talvez, por um ritmo musical, embora famoso, ainda alvo de muitas críticas.

No livro de autoajuda *As 48 Leis do Poder*, o leitor é orientado a considerar que praticamente tudo depende da reputação: Guarde-a como a vida, usando essa afirmação como subtítulo diz:

A reputação é a pedra angular do poder. Usando reputação apenas, você consegue intimidar e vencer. Porém basta um deslize para que você se torne vulnerável e possa ser atacado por todos os lados. Mantenha sua reputação inexpugnável. Fique continuamente alerta contra ataques potenciais e elimine as ameaças antes que se tornem realidade. Ao mesmo tempo, aprenda a destruir os seus inimigos abrindo brechas nas reputações deles. Depois fique de lado e deixem que sejam queimados pela opinião pública. (GREENE, Lei nº 5)

Na orientação desse livro que tem como público-alvo pessoas de negócio e administração, percebe-se o quanto a fofoca é usada como articulação nos meios em que há disputa de poder. Leva-nos a vislumbrar o quão maquiavélico pode ser um ambiente de trabalho, onde os fins justificam os meios.

Mônica Samille Lewinsky, estagiária da casa branca, sede do poder executivo do governo norte-americano, em 1998 após trocar confidências com a secretária Linda Tripp que secretamente começou a gravar as suas conversas telefônicas com Clinton, foi envolvida em escândalo sexual, onde a acusavam de ter mantido um caso com o então presidente. Tripp, a secretária, teria dado as gravações a Kenneth Starr, o acusador, o que causou grande transtorno e baixa da taxa de popularidade de Bill Clinton.

De toda essa escandalosa fofoca, a fofocada, Mônica Lewinsky, soube tirar vantagem dos holofotes. Passou a ser encarregada de sua própria loja onde vende sua própria grife de bolsas. Foi anfitriã numa série de televisão tipo *Reality Show* chamada Mr. Personality.

Nos dias de hoje, a fofoca é muito usada nos meios políticos das mais variadas formas, levantando e derrubando figuras políticas, através das picuinhas de parlamento, por exemplo. No twitter, *Facebook*, sites de fofoca, paparazzi, televisão, revistas, jornais, em qualquer meio de comunicação, sempre há uma fofoca. Os *paparazzi*, em especial, são os que mais se dedicam a realizar essa prática. Podemos dizer que se trata de um fofoqueiro com câmera sempre ligada e de plantão para o menor deslize que possa encontrar.

Agora, observar o fofoqueiro como algo negativo é esperado, entretanto queremos aqui expor o fofocado, que noutros tempos era o injustiçado, muitas vezes derrotado pela fofoca. Mas tudo mudou. O fofocado quer ser visto, fotografado, filmado, ser literalmente fofocado. Isso traz fama, poder, dinheiro. Ser visto é ser lembrado. Para os midiáticos deixar de ser fofocado positiva ou negativamente é algo ruim, significa estar fora da mídia. Este é o ponto que difere a fofoca de antes com a de hoje, embora ainda possa ser usada como fator preponderante para derrubar figuras políticas, por exemplo. Os midiáticos aqui referidos são atores, atrizes, cantores, humoristas, apresentadores, modelos e alguns que vivem na mídia e às vezes nem ao menos é possível saber qual o talento do indivíduo.

#### **4. Considerações finais**

Fofocar nada mais é do que o ato de falar da vida alheia, difamar o próximo. E nos dias atuais esse ato se funde com o ato de quer se mostrar, se promover. Como para o artista ser visto é ser lembrado, surge a necessidade da existência de meios para que a fofoca se expanda rapidamente. Assim o twitter, o *Facebook*, os sites de fofoca, paparazzi, televisão, revistas, jornais são usados diariamente para a divulgação da vida dos midiáticos.

O interessante é que aquela velha figura da alcoviteira ainda existe, ficou para aqueles que compram os jornais e revistas, colecionadores de fofocas do seu ídolo, o telespectador, o internauta e ainda nas rodas de

tereré, de chimarrão e de amigos. E ainda, como pior constatação é que um difamador sempre é um melhor amigo e confidente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *A história da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

GALARSA, José Ângelo. *Tratado geral sobre a fofoca*. São Paulo: Summus, 1978.

GREENE, Robert. *As 48 leis do poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

HALLAL, Roberto Curi. *Um ensaio sobre a fofoca*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.